MUSEU DA
ESCRAVIDÃO E
DA LIBERDADE

Países tocados pela herança da Escravidão Transatlântica, o maior movimento de migração forçada da humanidade, encontram-se frequentemente diante do dilema entre esquecer ou relembrar estes passados na busca de uma sociedade mais justa e mais humana.

O *Atlas do Comércio Transatlântico de Escravos*, de D. Eltis e D. Richardson, aponta que quase metade de todos os africanos trazidos como escravos para as Américas vieram para o Brasil: cerca de 4,68 milhões

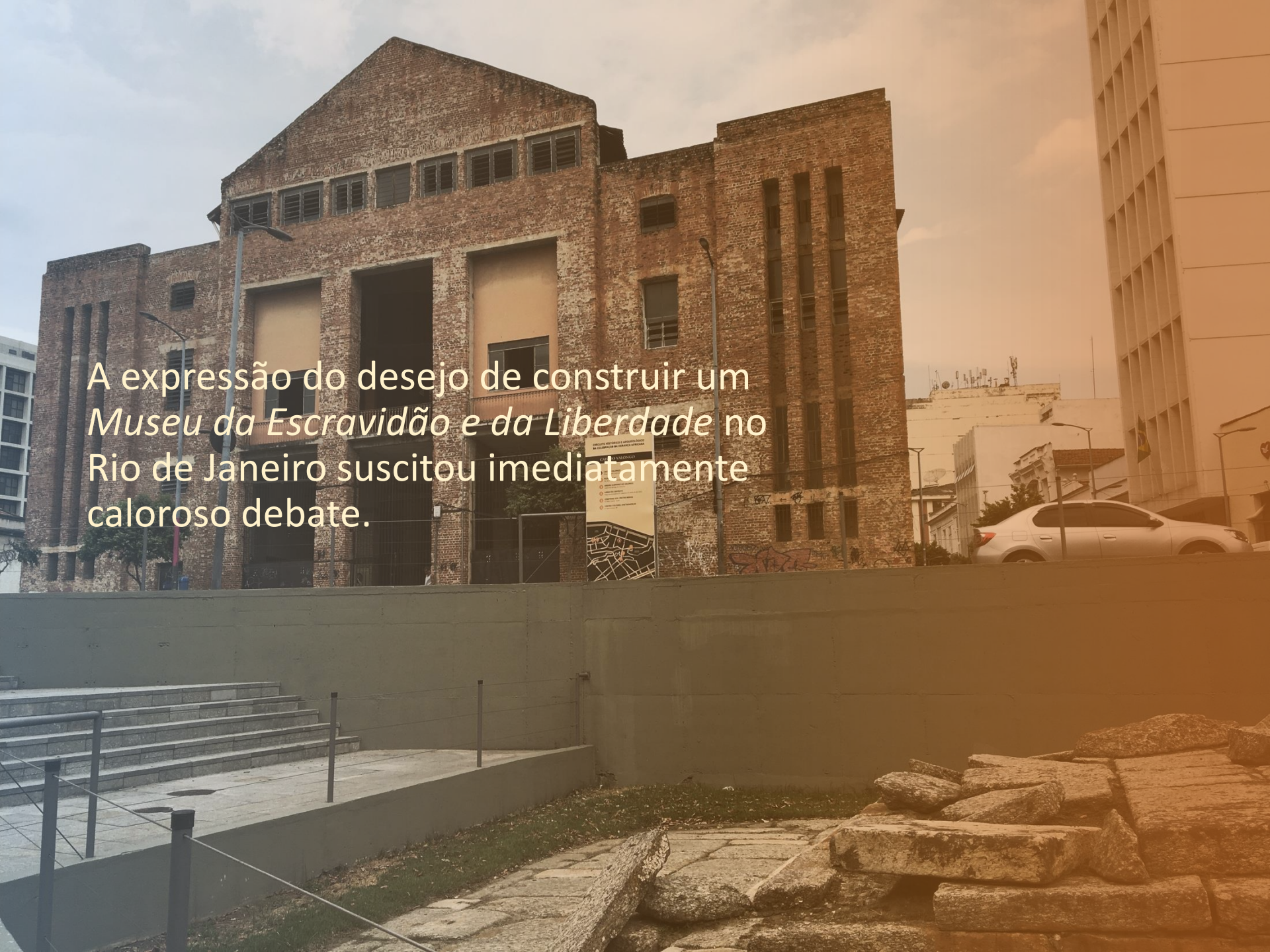
Destes, mais de 2 milhões desembarcaram no Rio de Janeiro, sendo mais de 500 mil pelo Cais do Valongo

Se a escravidão foi abolida há mais de cem anos, é inegável que muitos grilhões permanecem em nosso inconsciente coletivo

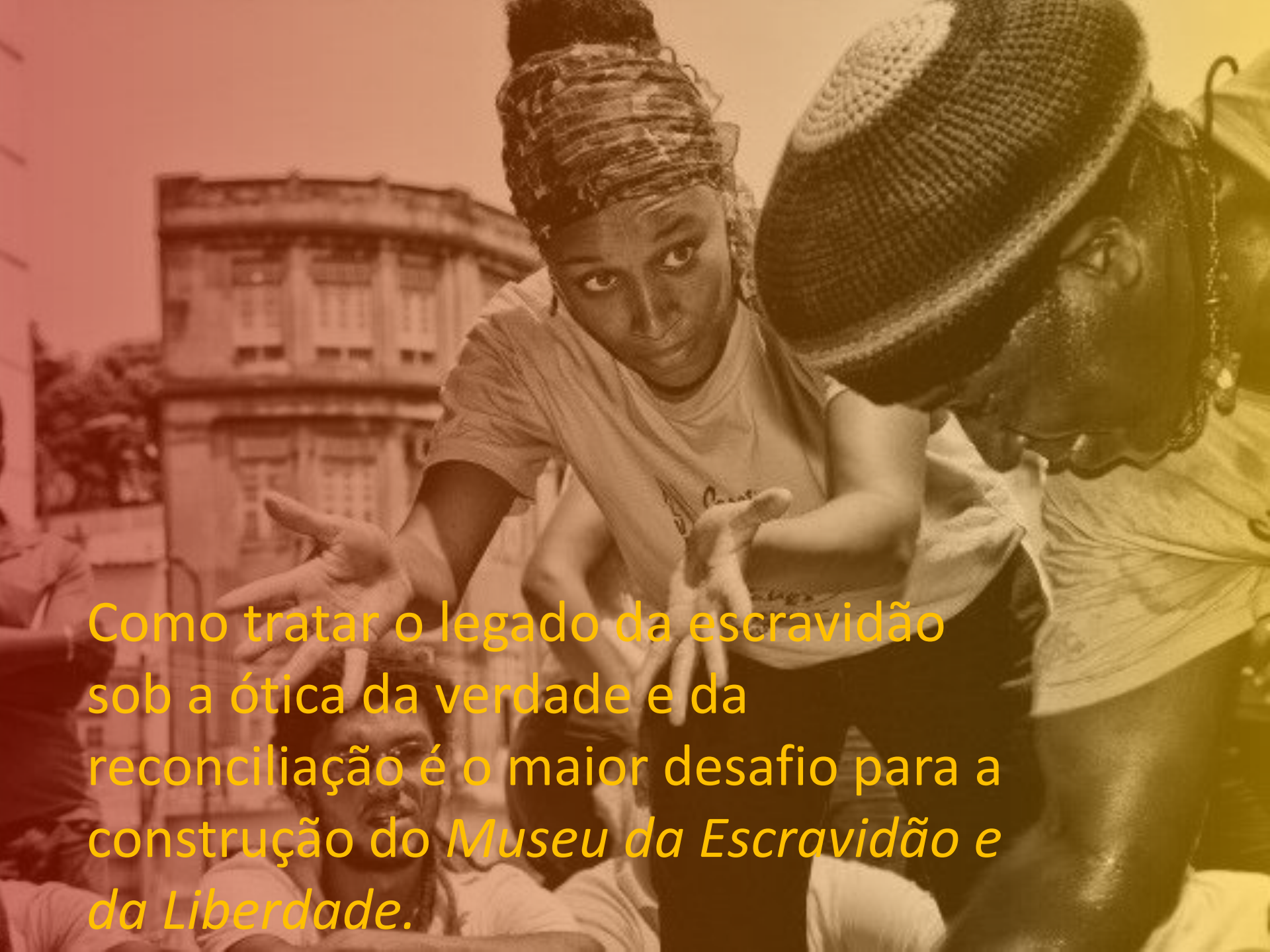
Porta do Não Retorno – porto de embarque de africanos escravizados
Ilha de Goreia, Senegal

A história e impactos da escravidão alinhavam nossa herança colonial e cultural a dinâmicas e exclusões socioeconômicas que perpassam toda a sociedade

Resultam também na criação de uma vibrante cultura brasileira, multivocal e multifacetada, rica em matrizes culturais, cores e sabores



A expressão do desejo de construir um *Museu da Escravidão e da Liberdade* no Rio de Janeiro suscitou imediatamente caloroso debate.



Como tratar o legado da escravidão sob a ótica da verdade e da reconciliação é o maior desafio para a construção do *Museu da Escravidão e da Liberdade.*

O *Museu da Escravidão e da Liberdade* seguirá lógica de construção conjunta com a sociedade, e os seguintes conceitos norteadores:

- Desenvolvimento de baixo-para-cima, com transparência, escuta e participação da sociedade, contando narrativas pela voz de seus protagonistas

- Escravidão como parte de uma narrativa maior de construção da cultura e sociedade brasileira

- *Museu da Escravidão e da Liberdade* como local seguro para coletar, preservar e relembrar as memórias dolorosas do passado, com o objetivo de promover reconciliação e celebrar a indestrutibilidade do espírito humano e da agência pessoal

- *Museu da Escravidão e da Liberdade* como parte de uma Rota de Herança Cultural Africana na região do Cais do Valongo / Cais da Imperatriz

- Museu construído a partir das práticas sustentáveis, em suas instalações físicas, em seu modelo de gestão e de financiamento.

GRUPO DE TRABALHO MUSEU DA ESCRAVIDÃO E DA LIBERDADE

Criado por decreto municipal, o grupo de trabalho tem por objetivo fazer um mapeamento nos arquivos, coleções, programas, ações, legislação e projetos existentes no âmbito dos órgãos da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, os quais referem-se ao tema da escravidão e da herança africana.

MACRO ETAPA 1 – 18 meses

FASE I - ESTUDO PRELIMINAR

Planejamento Inicial

Estudo das melhores práticas e referências (com museus nacionais e internacionais)

Planejamento e execução do Processo Participativo

Análise de Públicos e Mercado

Planejamento Institucional

Planejamento físico e territorial

FASE II - ESTUDO DE VIABILIDADE

Elaboração do programa funcional

Gerenciamento do desenvolvimento do Projeto

Estratégia para Desenvolvimento de Conteúdo

Definição de Programas: atividades do Museu

Estratégia para Desenvolvimento de Coleções

Constituição do Museu

Avaliação Final de Viabilidade

MACRO ETAPA 2 – 24 meses

FASE III – EXECUÇÃO DO PROJETO

Gerenciamento da execução dos projetos

Suporte para a constituição do Museu

Gerenciamento da ocupação final do edifício

O NOME PROVISÓRIO

MEL – MUSEU DA ESCRAVIDÃO E LIBERDADE

A sigla **MEL**, do futuro **Museu da Escravidão e Liberdade**,

faz alusão a um derivado da cana-de-açúcar essencial na alimentação dos escravos no Brasil colonial – o melado ou mel de engenho.

Altamente nutritivo, o mel de engenho tinha vital importância na senzala como fonte de carboidratos e ferro capaz de garantir aos escravos energia necessária para os pesados trabalhos nas fazendas de açúcar.

O alimento adoçava a vida puro, misturado à farinha, com mandioca, cará ou inhame, acompanhado de pão ou de queijo e de tantas outras formas.

No século XXI,

o MEL será alimento para a fome de informação,

de memória,

de reparação

e de liberdade.

PROVÉRBIO *BANTU*

Ubuntu ngumtu ngabanye abantu

Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas

Não há bem estar individual sem bem estar coletivo. O mal que recaiu sobre a comunidade escravizada, hoje afeta a sociedade como um todo.

Enfrentemos pois nossas “histórias contestadas” para por fim nos regenerarmos coletivamente celebrando uma sociedade múltipla, plural e diversa.

CULTURA+ DIVERSIDADE

RIO